

NO LIMIAR DE UM NOVO MILÊNIO: POSSIBILIDADES E CENÁRIOS

Mary Garcia Castro*

A autora coloca-se em meio ao drama de reconhecer os limites da Razão e do Sujeito, ao tempo em que afirma sua convicção de que é válido manter as utopias de esquerda no bojo desta revisão de tudo. O texto passa em revista a complexidade das equações em que se situa o sujeito na trajetória de construção da liberdade - o binômio movimentos sociais versus classes, o desafio recentemente percebido do pacto de sustentabilidade com a natureza, o estabelecimento de bandeiras sociais e políticas específicas em pleno processo de globalização da economia. Este processo, se agudiza desigualdades, potencializa, por outro lado, a subversão de significados. Enfim, o tempo é novo em termos de desafio e renovado em termos de disposição.

Privilegio neste texto uma panorâmica parcial, um feixe de questões entrelaçado à angústia sobre os limites do conhecimento sociológico, os limites da Razão e do Sujeito, neste limiar de um novo milênio. Angústia na angústia de seguir a sugestão do poeta Drummond: "Vai Carlos, ser gauche na vida". Como ser de esquerda na leitura de cenários de possibilidades, na reflexão sobre a passagem do século, em tempos de desencantos?

Ser de esquerda, hoje, pede jogos de linguagem abertos, múltiplos, voltados para uma cultura política e uma política da cultura que aposte na força das identidades coletivas, mesmo que descentralizadas. Ser de esquerda passa, inclusive, por compartilhar um vocabulário que, também, ambigualmente, serve a distintos senhores. Não necessariamente de esquerda, não necessariamente legítimos para a economia política, como, por exemplo, as categorias identidade, solidariedade, ética, ou o fascínio com a diversidade, a cultura "trans", o lidar com a ambiguidade frente aos riscos da fragmentação, da unidade perdida. Riscos, ao meu juízo, menores que os vícios de homogeneizações e padronizações.

Professora e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento e Programa de Mestrado em Sociologia.

Este texto em sua versão original foi apresentado em palestra no Centro de Recursos Humanos (CRH-UFBA), no ato de lançamento do Caderno CRH, jul/dez 94, n.21)

A esquerda, advertem Stuart Hall e Martin Jacques (1990), não estaria acostumada "a transitar por territórios não mapeados, tendendo a ser doutrinariamente fixa". Contudo, defendem aqueles autores, ela traz a força da utopia, da indignação, a postura do compromisso com mudanças históricas, por um futuro diferente, além das desigualdades sociais. Então, em uma leitura de esquerda sobre os dias de hoje, um hoje alongado, caberia não somente refletir sobre tendências e limites do pós-Fordismo, repetindo vícios economicistas, como, também, buscar desvendar a emergente cultura, para uma modernidade para além da pós modernidade (Hall e Jacques 1990; e Jameson 1992), ou culturas em construção, e buscar "entender as novas identidades e sujeitos políticos na sociedade" (Hall e Jacques, op.cit.). O foco orienta-se pela construção da recusa às serializações, por outras subjetividades, criativas, juntando ecos (o eu, o nós e o planeta), segundo proposta de Guattari (1990).

Este é o subjacente motivo deste ensaio, mas tal leitura à esquerda é mais modesta. Rabisco alguns cenários, re-visitando alguns discursos sobre a contemporaneidade. Em uma primeira parte tal panorâmica é apresentada por referências bibliográficas arbitrárias, alguns companheiros da tribo que insiste em ser gauche, privilegiando em seguida elementos que são básicos no debate sobre culturas emergentes, a questão da globalização, da solidariedade, da ética e das identidades. No final retomo as anotações sobre cenários e possibilidades.

CULTURA POLÍTICA, NO CONHECIMENTO CONTEMPORÂNEO SOBRE O TRANSITAR POR SÉCULOS

A literatura sociológica e de outras origens que consultamos é desordenada, se se pretende abrangente; modelada em experiências do capitalismo pós industrial e limitada a dimensões específicas, se especializada, como aquela sobre o mundo do trabalho. A literatura que se volta para a cultura dos tempos, o eu no mundo, o mito fundante da sociologia, ou seja, para a relação do eu e a sociedade, interessada na reflexão crítica e não propriamente em adaptar-se aos tempos, é cautelosa, sugere possibilidades, cenários. Advoga, principalmente, posturas, em particular a urgência em re-assumir a ética, a solidariedade e a liberdade como princípios motores da vida social, insistindo no princípio da igualdade, mas requalificando-a, considerando, contribuição feminista, segundo Bobbio (1995, p.89), "a descoberta do "diverso"¹.

"...o nivelamento de toda diferença, é apenas o limite extremo, mais ideal que real, da esquerda. A igualdade de que fala a esquerda é quase

sempre uma igualdade secundum quid. jamais uma igualdade absoluta". (Bobbio, 1995:89.)

Na literatura consultada não há propriamente discursos proféticos, teorias acabadas, estratégias de ação. As ilhas de esperança, focos de resistência do Sujeito são delineadas entre interstícios de críticas.

É uma literatura crítica à globalização do capitalismo, mas não necessariamente todos os autores consultados consideram que esse cenário fecha necessariamente a "jaula de ferro", expressão do diagnóstico Weberiano sobre modernidade (ver Castro, 1994). Stuart Hall e Martin Jacques, do conselho editorial da revista inglesa "Marxismo Hoje", por exemplo, ainda que reconheçam que a globalização da economia e da cultura são processos desde o Oeste, desde o Norte, frisam, como também o faz Sousa Santos (1995), as potencialidades da interdependência, da formação de uma classe (des)-(trans)-territorializada, 'internetada', além dos estados-nação, apoiando-se em redes de solidariedade, na cooperação em uma nova escala e por novas formas.

A maioria dos autores consultados, por suas reflexões sobre a contemporaneidade, sinalizam para a importância de mudanças nas relações capital-trabalho, para as tendências do pós-Fordismo na desestruturação, da analogia classe/massa, contribuindo para a fragilidade de princípios caros à Razão, como homogeneidade, padronização e organização de escala e para as respostas massivas dos trabalhadores, através de organizações clássicas, como os sindicatos. Os sindicatos, para alguns, ainda seriam agências importantes na construção/re-definição das classes; mas se alerta para a necessidade de mudanças criativas na organização sindical para fazer frente a nova feição do capital, tanto externa como internamente. Sugere-se investimento na re-criação do internacionalismo proletário, por redes transnacionais; e na crítica aos corporativismos. remodelando a classe não somente na relação direta patrão e empregados, mas abarcando a comunidade, questões de cidadania e das identidades por gênero, raça/etnicidade e preferências sexuais, entre outras.

Antunes (1995), (autor que no campo do trabalho, no Brasil, bem representa a insistência em ser de esquerda), refletindo sobre sindicatos "na era da reestruturação produtiva", considera que tanto a "materialidade" quanto "a subjetividade do ser-que-vive-do-trabalho" vêm sendo profundamente afetadas pela "crise que atinge o mundo do trabalho", chamando a atenção para o risco do distanciamento entre sindicatos e movimentos sociais autônomos e da heterogeneidade da composição da classe trabalhadora em países como o Brasil, caracterizados por uma "globalidade desigualmente combinada". Apostando na propriedade da ação sindical para o enfrentamento da "Ordem", Antunes delinea três cenários de possibilidades para tal ação: negociações "na Ordem"; negociações "contra a

Ordem"; ou elaborar programa alternativo, "formulado sob a ótica dos trabalhadores, capaz de responder às reivindicações imediatas do mundo do trabalho, mas tendo como horizonte uma organização societária fundada nos valores socialistas e efetivamente emancipadores" (Antunes, 1995, p.154). Na análise de Antunes está presente a relação entre o imediato, o emergencial e a transcendência do projeto.

A chamada para as transformações do mundo do trabalho, hoje, como causas da fragilização crescente dos sindicatos, é pertinente mas parcial, considerando que a história político-cultural do trabalho organizado também contribui para a compreensão de trajetórias. Aronowitz (1992) por exemplo, em artigo intitulado "Declínio e Ascensão da Identidade da Classe Trabalhadora" e tendo como referência os Estados Unidos, reconhece que a dispersão do capital, como consequência da globalização, teria sido um dos mais fortes golpes, solapando possibilidades de solidariedade e a coerência ideológica dos trabalhadores como classe. Mas Aronowitz (op.cit.) também insiste na tese de que a perda de prestígio dos sindicatos entre os trabalhadores como órgão de representação, nos Estados Unidos, mescla-se à sua história político-cultural: o investimento em políticas de negociação, o anti-comunismo; clivagens por racismo, opondo-se o trabalho organizado ao Movimento dos Direitos Civis, nos anos 60; as divisões competitivas entre os trabalhadores manuais e especializados; a ideologia nacionalista em detrimento da perspectiva de classe e a cooptação política de centrais sindicais (como a AFL-CIO) pelo Partido Democrata. O acordo de livre comércio com o México, o NAFTA, em última instância é um marco simbólico do golpe mais duro que teria sido dado, pelo capital, no sindicalismo norte-americano.

Mas a economia política, se restrita às análises de mercado, não daria conta do embate entre identidades em competição, fraturadas pela separação entre opressão e dominação - categorias de poder mais apropriadas para o equacionamento de outras identidades, como as de gênero e de etnicidade - e exploração, e, para agravar, no caso norte-americano, pela ambiguidade no mapeamento de explorações. Para nós, ao Sul, fica a "lição da história" (Heilbroner 1994) sobre a importância do investimento na cultura política do trabalho, no plano do localizado, subjetivado (Guattari, 1990), e no plano do local, globalizado, 'en-redado'. para fazer frente a flexibilização/globalização do capital.

Entretanto, contrariando outros autores, como Touraine (1994), Aronowitz não defende a idéia de necessário antagonismo entre movimentos sociais - feminismo, movimento negro, movimentos étnico-nacionais, movimento ecológico, ou o movimento pelos direitos dos homossexuais - e o trabalho organizado, se a qualidade de vida. A cotidianidade dos trabalhadores é ponto de pauta. Mas entre aqueles e outros autores, é

consensual o reconhecimento de que a polêmica classe versus movimentos sociais permeia a reflexão sobre identidades coletivas, e limita a reflexão sobre o futuro do trabalho organizado ao campo das relações diretas capital e trabalho e ao papel do Estado, enquanto o capital, em suas formas mais avançadas, se realizaria, cada vez mais, também na apelação/cooptação pela participação dos trabalhadores. Isto reforça competitividades entre trabalhadores e identificações por identidades restritivas, que despotencializariam o Sujeito para o questionamento das multiplicidades de sítios de repressão à liberdade de ser. Em outros termos, o debate sobre classe e trabalho, ao que tudo indica, não se esgotou, mas busca re-novações.

Observa Aronowitz (1992, p.167), ainda sobre o caso norte-americano:

"Na ausência de um discurso vital de classe, muitos norte-americanos deslocaram seus ressentimentos que resultaram do que Sennet e Cobb chamaram de "lesões escondidas" de classe para o patriotismo e outras variedades de nacionalismo. Por outro lado, o racismo e o sexismo da classe trabalhadora (acrescento a homofobia) mascaram a considerável insegurança sofrida por trabalhadores, homens brancos, em face da migração do capital, depressão e recessão econômica, e a deterioração de seus padrões de vida, particularmente sua habilidade de ganhar um 'salário família' - uma situação que tem forçado muitas mulheres a entrar na força de trabalho assalariada e tem devastadoras consequências para a família operária." (Original em inglês.)

Nem Aronowitz (op.cit.) nem os autores que participam do projeto "Novos Tempos", da revista Novo Marxismo, como Stuart Hall (1990), nem Antunes (1995), para o caso do Brasil, disputam uma versão culturalista para substituir uma análise economicista. Para eles a centralidade do trabalho como ordenação de dominação e de exclusões terá vida longa: o que mudaria, segundo Hall (op.cit.) ou se acentuaria, nos tempos por vir, ou que já aí está, seria, a noção do trabalho industrial como 'redentor', fonte de realização, por mais que se invista nas ordenações da produção pós-Fordista, na participação dos pouco eleitos no processo de produção, decisão imediatizada. O trabalho, na perspectiva daqueles autores, é tido como compulsão, ainda que 'participado', flexibilizado, parcializado, reduzido no tempo, metamorfoseado em trabalho improdutivo, atado, dependente de máquinas.

Sobre a necessidade de refletir sobre as tendências pós-fordistas, na modelagem de novos tempos, ou além dos territórios considerados como de produção, observam Stuart Hall e Martin Jacques (1990, p.12):

Cad. CRH., Salvador, n.22, p.31-50, jan/jun 1995

"Em termos econômicos, o traço central da transição (para os Novos Tempos) é o aumento da especialização flexível em lugar do velho mundo da linha de montagem da produção em massa.... (Mas) assim como o Fordismo não representou simplesmente uma forma de organização econômica mas toda uma cultura - o que Gramsci em 'Americanismo e Fordismo' chamou a nova época da civilização no capitalismo avançado - assim o termo pós-Fordismo (e, acrescento, o toyotismo) é reducionista, para dar conta de mais amplas transformações sociais e culturais. Muitos dos traços desse novo mundo há muito estão em construção e são melhor visualizados em áreas diferentes àquelas que a Esquerda tradicionalmente pensou como "sítios de produção". Por exemplo, a mudança da posição da mulher na e fora da força de trabalho remunerada, é um daqueles traços que há tempos serviu para romper, ou pelo menos, deslocar, a velha distinção entre produção e consumo, e entre produção e reprodução social " (Original em inglês.)

Autores como Giddens (1990), Souza Santos (1995), Stuart Hall (1990), Heilbroner (1994), Freire Costa (1994), Touraine (1994), Laclau (1994), Aronowitz (1992) e Guattari (1990) foram mais consultados para este ensaio, pela consensual reflexão crítica sobre a modernidade desde a equação Sujeito, para uns, identidade, para outros, subjetivação, para Guattari (1990) e a Razão; por fazerem de um comum sítio de linguagem, as ciências sociais - a maioria, com exceção de Heilbroner, de economistas, Freire Costa e Guattari psicanalistas, compartilham a herança da formação em Sociologia. Todos flexibilizam a compreensão do Sujeito, encantando-se a maioria com os novos movimentos sociais, ainda que não necessariamente lhes reservem o mesmo papel em suas formulações ou estatuto quando referenciados ao debate sobre movimentos e classes sociais, quer no plano de classe como sistema/agência, quer no de agentes/atores.

Muitos investem no re-aprumar de conceitos sociológicos, em particular os de sociedade e globalização, para compreender o contemporâneo. Quase todos ressaltam a importância da natureza, não mais no plano de relações sociais, mas como um agente com estatuto próprio a cobrar lugar na consideração de cenários possíveis da vida do planeta, dos seres humanos, no próximo século. Guattari (1990) avança ao propor um cenário paradigmático de relação entre ecologia social, ecologia mental e a ecologia ambiental, três ecologias a "serem concebidas como sendo da alçada de uma disciplina comum ético-estética, e ao mesmo tempo, como distintas uma das outras do ponto de vista das práticas que as caracterizam" (Guattari, 1990, p.55).

Tal cenário teria como objetivo a "re-singularização dos indivíduos", liberando criatividades. A intenção é que na resistência à ordem de poderes, como a que chama de capitalismo mundial integrado, "os indivíduos se tornem a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes" (id.).

Na reflexão sobre jogos ou arranjos sociais possíveis, considerando as tendências do capitalismo mundial, também ganha força, não mais como uma dimensão, mas como textos em si. o tempo, o espaço, a linguagem. O discurso se funde com a imagem cinematográfica, o pensar "zoom". a linguagem "trans", desencaixada (segundo termo de Giddens, 1990, nas referências sobre relações sem face entre espaços e tempos diferentes), desterritorializada.

Nos autores, âncoras do texto, o foco não são projetos consensualmente acordados, poucos como Stuart Hall, Martin Jaques, Aronowitz, e Boaventura de Souza Santos, com os quais 'a-tribo', re-criam como cenário possível, e utopia desejada, um socialismo no fazer-se, mas a maioria pensa os novos tempos em termos de rupturas.

Mas por que aqueles e não outro elenco de autores para refletir sobre possibilidades, ou como o conhecimento desde as ciências sociais pensa o próximo milênio? O único critério intencional, nesta etapa das minhas preocupações com o debate sobre modernidade e identidades, foi a busca de elementos para uma leitura à esquerda, ainda que, paradoxalmente, por um olhar formal, muitos dos autores citados rejeitassem esta rotulagem, ser de esquerda. O transitar entre os contrários, se não uma prática nova, vem se acentuando na modelagem de um conhecimento que pode ao mesmo tempo identificar-se em princípios políticos singulares, e reconhecer a alteridade, o outro, na comunicação.

Alain Touraine, por exemplo na "Crítica à Modernidade" (1994) defende a realização da modernidade plena - ainda um vir a ser - em um novo tipo de sociedade, que não a defina por um princípio único e totalizado. Mas ao contrário, assuma tensões entre racionalização e subjetividade, ou a não oposição entre indivíduo e sociedade, e a busca da liberdade por sujeitos coletivos, solidários em torno da defesa da democracia e da justiça social, princípios importante para um pensar à esquerda, nos tempos atuais e por vir, ainda que de complexa operacionalização contextuai. O indivíduo, o outro, o desejo de felicidade, e, particularmente, a centralidade dos movimentos sociais fazem parte do repertório de motivos de Touraine e também do meu.

Mas, se até aí nos damos as mãos, não vamos para a mesma praia. Não cabe nos limites deste texto a crítica detalhada. O ponto é sugerir a importância do transitar por territórios minados, se de novo conhecimento se trata. Por exemplo, Touraine separa o indivíduo, em termos de Sujeito, da busca por identidades individuais e coletivas. Inclusive é comum em seus

textos a referência à "obsessão" da busca por identidade, como própria da hegemonia do privado e da razão do mercado. O que ele chama de "obsessão da identidade" antagonizaria a Razão, como sentido de vida, e o Sujeito, ser livre, responsável, que se realizaria no movimento social, quando então tal antagonismo (entre Razão e Sujeito) seria afastado.

Seu projeto para o próximo milênio, a realização plena da modernidade, passa pela equação Razão e Sujeito, o que é ótimo; mas seu Sujeito se volatiliza em fórmula única, romantizada, como a dos movimentos sociais, quando a análise empírica de realizações de muitos movimentos, a exemplo de algumas organizações não governamentais, desmente a sua idílica personificação de cavaleiro (ou dama) dos oprimidos. Por outro lado, o corte, que faz Touraine entre movimentos sociais e classe, e a reificação daqueles ao plano do cultural, em si. é questionável. Segundo Touraine (1994, p.394):

"A história da modernidade é a história da dupla afirmação da Razão e do Sujeito, desde a oposição entre a Renascença e a Reforma que o próprio Erasmo não conseguiu superar. Os movimentos sociais, os da burguesia revolucionária, depois do movimento operário, finalmente os novos movimentos sociais cujos objetivos são mais culturais que econômicos, apelam cada vez mais diretamente para a combinação entre Razão e o Sujeito, separando de maneira crescente de um lado a Razão da sociedade, do outro o Sujeito do indivíduo."

Para este autor, no marco da defesa da modernidade, o cenário de possibilidades pendente para a realização de tipos de capitalismo avançado. Prossegue Touraine (1994, p.388):

"Hoje, sim, minha confiança na história está desgastada, e eu não aceito mais identificar o homem ao trabalhador ou ao cidadão. Sim, eu temo mais o Estado totalitário e todos os aparelhos de poder do que um capitalismo que duas gerações de Welfare State tornaram menos selvagem. Sim, eu prefiro a democracia, mesmo quando ela não suprime a injustiça, à revolução que sempre acaba impondo um poder absoluto."

Em outro trecho da exposição sobre o percurso de sua vida intelectual, ele defende que (1994, p.389-390):

"A ideia de movimento social, tão central no meu trabalho, opõe-se radicalmente à ideia de lutas de classes, pois esta apela para a lógica da história enquanto que aquela apela para a liberdade do Sujeito, mesmo contra as pseudo leis da história...."

O século que termina foi violento demais para que confiemos na história ou no progresso."

Ora, Heilbroner (1994) também é crítico da demasiada legitimidade concedida à noção de progresso nos séculos XIX e XX, tanto pela direita como pela esquerda. Oferecendo outro cenário de possibilidades quanto à realização do capitalismo no século XXI, que ele assume que se fortalecerá por algum período mas não para sempre, esse autor não descarta com tanta facilidade a história. Ao contrário, Heilbroner alerta para o peso de um agente econômico que veio para ficar, as transnacionais. Ele também sinaliza para a ameaça de externalidades, do capital para o capital, por exemplo, da tecnologia, um dos aparatos básicos dos modelos de desenvolvimento econômico vigentes. Alerta para a importância da ecologia não apenas para a sobrevivência do capitalismo como da própria vida no planeta, chamando a atenção para os perigos do efeito estufa, o aquecimento da terra. Heilbroner também se refere aos problemas gerados pelo capitalismo, e a continuada vigência do embate entre setor público e setor privado, mesmo nos países em que o Welfare State estaria presente.

Contudo Heilbroner admite que esse quebra-cabeça pode compor cenários variados, em particular por ações de forças políticas:

"A questão para o futuro, então, passa a ser nossa avaliação do grau em que os processos de mercado irão ameaçar o crescimento e a estabilidade econômica, e da possibilidade de que as correções dos fracassos do mercado estejam ao alcance das capacidades políticas de uma ordem social cuja vitalidade está na acumulação de capital. Pouco ou nada se pode arriscar.... quanto aos desenvolvimentos tecnológicos que possam afetar crucialmente as externalidades para melhor ou para pior, ou quanto a força política dos que causam, ou sofrem, as externalidades do mercado, ou com respeito ao nível de preocupação social quanto aos erros de mercado.

De qualquer forma, parece certo que duas tendências vão somar suas pressões ao problema global de tratar da dinâmica do mercado. Uma delas, é a crescente tensão entre os imperativos da integração econômica global e os contra imperativos de sua compartimentalização política...

A segunda tendência refere-se à questão do aquecimento global.... O crescimento econômico está atrelado, em grande parte, à industrialização... A industrialização por sua vez, resulta na emissão de dióxido de carbono a partir dos óleos combustíveis, com a elevação dos gases para a atmosfera, onde se tomam parte de uma vidraça invisível que prende o

calor solar no seu interior. Sem essa vidraça, a população humana morreria de frio, mas dentro da própria estufa, o acréscimo de cada vez mais dióxido de carbono lentamente eleva a temperatura ambiente da atmosfera....O efeito estufa coloca barreiras óbvias ao processo de acumulação de que depende a força vital do sistema. Talvez de maneira ainda mais direta, questiona a adequação do mercado enquanto mecanismo coordenador da ordem social" (Heilbroner, 1994, p.54)

Como se darão as relações entre nações, quando modelos de industrialização forem questionados internacionalmente por seus efeitos sobre a vida do planeta, ou de regiões? Os conflitos de interesse serão resolvidos no plano político ou no plano militar? A partir dessas questões, Heilbroner acrescenta razões para relembrar a importância do que chama "lições da história"; ou seja, de que possivelmente se descartou com muita pressa a importância do planejamento centralizado e o papel do Estado como regulador do bem comum. Ele antecipa que em algum momento, no século XXI, o mecanismo de mercado deste século será "suplantado, ou suplementado por um planejamento de algum tipo, não apenas no interior das nações capitalistas, mas em seu conjunto" (Heilbroner, 1994, p.87).

GLOBALIZAÇÃO, IDENTIDADES E SOLIDARIEDADE (DE CLASSE)

No texto a "A Flor Prometida" do líder do Exército Zapatista de Libertação Nacional*, o Sub-Comandante Marcos, retenho indicações sobre potencialidades dialéticas da globalização, uma das tendências mais marcantes quanto a magnitude e ritmo de expansão dos novos tempos. Tempos, que, como bem advertem Stuart Hall e Martin Jacques (1990), são novos tempos para o capitalismo, com constituintes de auto geração de contradições, cujas possibilidades de significados estariam na dependência, inclusive, de ações políticas contrárias.

Do texto do Sub-Comandante Marcos:

"E chegou essa parte da história que parece piada porque um único país, o país do dinheiro, passou por cima de todas as bandeiras. E eles disseram 'globalização', e soubemos que era assim que chamavam a essa ordem absurda em que dinheiro é a única pátria à qual se serve e as fronteiras se diluem não pela fraternidade, mas pelo sangramento que engorda poderosos sem nacionalidades."

Elementos da globalização acentuados no texto do Sub-Comandante Marcos são ressaltados na literatura das ciências sociais. Entre outros

Cad. CRH., Salvador, n.22. p.31-50, jan/jun.1995

processos, tal literatura chama a atenção para a ascensão de outras potências econômicas, como o Japão e, futuramente, a China; a íntima relação entre globalização, informatização, avanços tecnológicos e mudanças na organização da economia, em setores os mais diversos e remotos do planeta; e efeitos de tal relação na fragilização dos Estados-nação, tornando o alcance econômico do capital cada vez maior que o alcance político das entidades nacionais de onde se origina.

"A magnitude do fluxo transnacional tornou-se imensa. Segundo um recente estudo do Centro de Empresas Transnacionais das Nações Unidas, em 1985 as vendas conjuntas das 350 maiores empresas transnacionais significaram quase um terço do Produto Nacional Bruto conjunto de todos os países industrializados, um volume maior do que o PNB agregado de todos os países em desenvolvimento, inclusive a China. Isso equivale a uma economia mundial dentro de uma nova economia mundial" (Heilbroner, 1993, p.58).

Chama-se a atenção, também, para a imprevisibilidade das dimensões atingidas pela globalização nos textos econômicos da década de 1970, e para a imprevisibilidade dos tipos de respostas políticas à tendência de transnacionalização da economia, no plano de afirmação de identidades nacionais. A guerrilha indígena do EZLN alcançou visibilidade pública internacional no dia da assinatura do Tratado de Livre Comércio entre o México e os Estados Unidos (NAFTA), quando, em 1 de janeiro de 1994, o EZLN se lançou em armas em Chiapas e ocupou várias cidades. Ou seja, as possibilidades de cenários da globalização da economia são também múltiplas e imprevisíveis. O velho sujeito político, o revolucionário, ressurgiu em Chiapas, agora na etnicidade, na classe, de fuzil e com computador!

Mas o que se entende por globalização, fora dos parâmetros de trocas econômicas? Giddens (1990) define globalização como:

"a intensificação das relações mundiais que ligam distantes localidades de tal forma que um acontecimento local é modelado por eventos que ocorrem a milhas de distância e vice-versa."

Este e outros sociólogos, como Featherstone e Robertson advertem sobre a impropriedade da sociologia continuar centralizada na figura da sociedade, um sistema com limites, territorializado.

Robertson (Cf. Sousa Santos, 1995) considera que desde os anos 60 o mundo teria entrado em uma "fase de incerteza". Urgiria que a sociologia se voltasse para compreender os movimentos e instituições globais e a fluidez e a polaridade dos sistemas internacionais, tendo a humanidade como uma das unidades de referência, assim como os interesses de uma cidadania

universal. Caberia também à sociologia refletir sobre a consolidação dos sistemas globais de mídia, o risco desse movimento para a democracia, e que se dedicasse mais à questão da formação de identidades, suas referências e trânsito entre o local e o global, assumindo, por outro lado, o debate sobre "multiculturalismo e poli-etnicidade".

Novos tempos, novos conhecimentos. Mas em que medida os velhos tempos se foram, considerando que as idiosincrasias paroquiais, as violências domésticas, as questões do bairro, da comunidade, se apresentam como tal para seus agentes locais? Um conhecimento multifacético, transitando por distintos planos e tempos, que pode a um certo nível de abstração apresentar-se por totalidades que serão móveis, por formas múltiplas. Um conhecimento que é um desafio para os intelectuais e para as universidades. Um conhecimento que pede comunicação ágil entre centros de ensino e pesquisa nos mais variados pontos do planeta e, ao mesmo tempo, debates locais e ampliados, recusando salas de aula, voltando-se para o saber laboratório, "seminário", reflexivo, desde as raízes culturais, mas não a elas restrito.

Mas a globalização não é uma tendência homogênea, como adverte Souza Santos (1995). Além de comportar distintas dimensões - econômica, cultural, religiosa, legal, política, social -, essas estariam relacionadas entre si não necessariamente de forma linear, causal. No campo cultural, o fenômeno ou os fenômenos da globalização tem complexidades adicionais, em que traços universais, a exemplo da cultura do consumo, podem ser retraçados quanto a centros difusores, mesmo assim com cuidados por análises de casos. Pois, mais que importar ou exportar práticas culturais, na globalização da cultura, ou, segundo Ortiz (1994) na "mundialização da cultura". Para Ortiz (1994, p.29), "a mundialização do cultural revela-se no cotidiano, e as diferenças, o local, não se dissipam".

A separação conceitual entre "global" e "mundial" é assim defendida por Ortiz (1994, 29):

"Empregarei o primeiro (global) quando me referir a processos econômicos e tecnológicos, mas reservarei a idéia de mundialização ao domínio específico da cultura. A categoria 'mundo' encontra-se assim articulada a duas dimensões. Ela vincula-se primeiro ao movimento de globalização das sociedades, mas significa também uma 'visão de mundo', um universo simbólico específico à civilização atual. Nesse sentido ele convive com outras visões de mundo, estabelecendo entre elas hierarquias, conflitos e acomodações. Por isso prefiro dizer que o inglês é uma 'língua mundial'. Sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; sua mundialização

preserva os outros idiomas no interior deste espaço translóssico".

Transversalidade, translóssico, transnacionais, trans-identidades. A linguagem dos novos tempos transita, relaciona, não é fixa. Novos tempos, novas categorias, nova postura. Fica a chamada sobre a complexidade da globalização e da mundialização.

O lado perverso da globalização, agudizando desigualdades, exclusões, impotências, inseguridades, fortalecendo poderes, não é enfatizado apenas pelo Sub-Comandante Marcos. Por outro lado, a potencialidade da subversão de significados do encolhimento do globo é também sugerida por diferentes autores e no discurso do Sub-Comandante:

"..nós que não temos rosto nem nome nem passado e somos indígenas na maioria, mas ultimamente já estão entrando mais irmãos de outras terras e outras raças. Todos nós somos mexicanos.

E com o apoio de algumas que se chamam 'organizações não governamentais', nacionais e estrangeiras, se realizam campanhas de saúde e se elevou a expectativa de vida da população civil, embora o desafio ao governo tenha reduzido a vida de nós combatentes. **E as mulheres começaram a ver que se cumpriram suas leis que impuseram a nós os homens (a referência é à pressão das mulheres contra o alcoolismo e contra a violência nas relações homens e mulheres, na família, e por conta de atritos entre homens). Elas são muito corajosas e estão armadas e nos 'convenceram' a aceitar suas leis e também participam da direção civil e militar de nossa luta e nós não dissemos nada-dizer o que?... E também se proibiu a derrubada de árvores.**

E nós queríamos dizer a vocês, a todos, obrigado. E que se tivéssemos uma flor, a daríamos de presente... para que quando estejam velhinhos ou velhinhas mostrem às crianças de seu país que "lutei pelo México no final do século 20, aqui mesmo estava com eles e sei que queriam o que querem todos os seres humanos que não esqueceram de que são humanos e do que é a democracia, a liberdade, a justiça, e não conheci o rosto deles e sim seu coração, que é igual ao nosso" (Sub-Comandante Marcos, op.cit.)(Grifos da autora).

Nesse texto do Sub-Comandante Marcos, figuras que colaboram no desenho de outros cenários e possibilidades do conhecimento, da ação face

a contemporaneidade que se espraia por horizontes futuros: o movimento de contra-globalização por ações mundializadas, desencaixadas, sem faces, via Internet, por redes com ONGs, pela solidariedade; o recurso à ética da fraternidade, da identificação do eu no outro, sem amalgamar, anulando o eu no outro, enfrentando violências homogeneizantes; o reconhecimento de vozes, de leis, de identidades singulares, "a lei das mulheres", o respeito à natureza, linguagens de movimentos sociais, encaixadas em outros movimentos sociais, como da guerrilha modelada na classe, na opressão da cultura, na etnicidade, fora das rígidas oposições, como as sugeridas no cenário de Touraine (1994), que opõe classe a movimentos sociais e renega a história.

Note-se, por outro lado, que para o Sub-Comandante Marcos o recurso à história ancestral é constante na afirmação da identidade nacional, a nação distanciada do Estado de direito.

A solidariedade nutre-se dos encontros além de fronteiras, da tolerância, em alguns casos do cosmopolitismo como prática, discurso contra-hegemônico (Souza Santos, 1995), do reconhecimento de identidades. "Não conheci o rosto dele e sim seu coração, que é igual ao nosso", reflete o Sub-Comandante Marcos.

A solidariedade, como outros fenômenos de relações sociais, não necessariamente traz uma marca de direção, a direita ou a esquerda, ou de uma ideologia. Independentemente de sua demarcação político-ideológica está a interação entre identidades, pela comunhão de princípios, como a tentativa da alteridade, de re-conhecer o outro. De fato, como observa Souza Santos (1995, p.268):

"Nem todas as ONGs transnacionais são progressistas, transformativas e orientadas por mudanças de paradigmas. Muitas são conservadoras, adaptativas... e vistas e usadas por agências internacionais como alternativas neo-liberais, contra o Estado.... As relações entre ONGs transnacionais e nacionais, bem como as relações entre ONGs e movimentos sociais em muitos lugares são problemáticas, e a dependência das ONGs a instituições donantes também tem resultado em crises de identidade."

Mas, como bem infere o autor, o fato das ONGs serem hoje um terreno de identidade contestável não impugna o significado de busca por agências transnacionais alternativas ao poder hegemônico do capital ou do Estado. Ou seja, no refletir sobre o novo milênio ressalta-se o significado das ONGs como possibilidade de sujeitos à esquerda, ou de contestação (não necessariamente no marco de leitura sobre vanguardas ou de sujeito de classe), e a identificação de que muitas delas movem-se peia/para a solidariedade, combinando relação entre identidades/alteridades.

A solidariedade é também ressaltada como elemento de possibilidades, colaborando por um outro cenário, no discurso do resgate da ética e da cultura.

Guattari (1990) lamenta que se restrinja a solidariedade apenas a algumas agências, e que não seja assumida como prática por outros nortes. em resgate da ética. Segundo Guattari (1990, p.26):

"A solidariedade internacional é hoje assumida apenas por associações humanitárias, ao passo que houve um tempo em que ela concernia em primeiro lugar aos sindicatos e aos partidos de esquerda... Aos protagonistas da liberação social cabe a tarefa de reforjar referências teóricas que iluminem uma via de saída possível para a história que atravessamos, a qual é mais aterradora do que nunca. Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio, as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários, que constituem os desempregados, os 'marginalizados', os imigrantes."

Nos escritos de Freire Costa (1994) sobre crueldade e solidariedade, apoiando-se em Freud, a solidariedade possibilitaria enfrentar tendência narcísica, excludente, risco da formação de identidades.

"Ser homem (sic), pensa Freud, antes de ser 'igual ou semelhante ao outro, por possuir tal ou qual propriedade em comum, significa ser diferente do outro, por possuir tal ou qual propriedade que o outro não tem. Na diferença está a matriz da identidade. Ela produz a ilusão narcísica da superioridade ou inferioridade cultural, parteira da tolerância ou intolerância, crueldade ou solidariedade, com que o estranho, o não familiar será tratado."

Falar portanto em identidades individuais ou coletivas, em si, como processo de afirmação, do eu ou do nós, não garantiria um conhecimento ou prática de transformação, por trânsitos plurais. Não é por acaso que diversos autores que refletem sobre a potencialidade da afirmação de identidades na produção de sujeitos políticos contra hegemônicos, frisam a importância de relacionar identidade a tipos de identificações, saindo das naturalizações, assumindo o reconhecimento dos limites das essencialidades, inclusive quando construídas em nome de experiências de opressão (ver Laclau, 1994; Aronowitz, 1992 e Hall e Jacques 1990, entre outros), e da relevância da ética. Continua Freire Costa (1994, p.147):

"Cruel, disseram Shklar e Rorty, é todo aquele que não sabe ou não pode identificar-se com a dor e a humilhação dos outros;

Cad. CRH., Salvador, n.22. p.31-50, jan/jun.1995

solidário é o que aprendeu a imaginar-se na posição de quem sofre, e a descrever a crueldade como a pior coisa que podemos fazer ao outro."

A crueldade no Brasil, segundo Freire Costa (1994, p.146) se institucionalizou culturalmente, no "alheamento diante da miséria", no "descompromisso e na irresponsabilidade para com o futuro deste povo".

"Um salto para sair da armadilha da identidade particularizada, ainda que seu caráter narcísico seja compreensível, pelo teor de resposta a opressões e exclusões históricas, vem sendo dada por correntes do feminismo, que investem no debate de gênero-relações sociais, modeladas nas divisões de poder e realizações da cultura, reconhecendo diferenças inclusive entre as mulheres. No Brasil, a experiência de um feminismo classista, como o das mulheres sindicalizadas, e de uma negritude na classe e no gênero, nas experiências de entidades do movimento de mulheres negras, são tentativas animadoras no plano de equacionar identidades e solidariedade, recusando essencialismos ou identidades fixas. Tais novos sujeitos alquímicos (ver Castro, 1993) potencializam um novo feminismo, um novo discurso de classe, um novo pensar a negritude. São cenários mais além do ou classe ou movimento social, ou do 'eu isso ou eu aquilo', ou de um quadro de um 'nós' sofrido, combativo, mas homogeneizante, descolorido."

No outro extremo, com a obsessão com o eu, ou com o nós restrito, quando na construção das identidades, deixar-se-ia de lado a possibilidade de trânsitos criativos entre o eu e o mundo, a potencialidade da comunicação. Do sociólogo George Hebert Mead, considerado um dos expoentes do pragmatismo Hegeliano, segundo Aronowitz (1992), reflexões sobre formação de identidades coletivas, em que o eu se funde em um "outro generalizado", sem se perder e se afogar. Também por simplificada referência, no mesmo intuito de enunciar possibilidades de pensar os novos tempos, cito a interpretação sobre o pensamento de Mead por Aronowitz (ver outras referências e uso do modelo de Mead em Castro, 1995 e Haguette 1992):

"Para Mead, o 'eu' se torna 'mim' quando através da comunicação, o ego se move da ação baseada em necessidades pessoais para ações coletivas, uma passagem, ou desenvolvimento que pressupõe o seu reconhecimento como um self social." (Aronowitz, 1994, p.23):

A seleção de sítio de referência, lugar de fala, de probabilidade de ser reconhecido como self social, segue orientações, estímulos variados, mais

difícilmente uniformizados por referências somente externas, no jogo das exclusões sociais, ou por imposição de modelos mundializados. Ao contrário, o complexo e o fascinante desse limiar de século é a dança dos contrários. Na identidade está a vontade, o eu, o paroquial, o toque, o olhar, o localizado, mesmo que o modelo seja sugerido pela "Terra de Malboro" ou o "Planeta Reebok"!

Por que me sinto mais identificada em um movimento que em outro, não significa que o sistema de discriminação por raça/etnicidade, ou gênero, ou de exclusão por classe passem a competir em termos de essencialidade. A escolha da tribo passa, entre outros processos, pelo sentir-se mais em casa, mais reconhecido, mais identificado (a) quer com um (uns) projeto (s) quer com relações, inclusive as do querer.

Dá para muito mais o debate sobre identidades, categoria que pode emprestar possibilidades criativas à cultura política por "des-serializações" das subjetividades (Guattari, 1990) em busca de outros cenários.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Termino por onde comecei. Refletir sobre virada de século, pede ensaio (s) em ensaios. É terminar com a sensação de que cada tópico, cada postura que se embaralha em texto por entender os novos tempos, merece pesquisa epistemológica, desencavar velhices no discurso renovado, e transformações de significados. Ensaiai considerações sobre novos tempos é também sentir que falta muito para fazer o dever de casa, que há uma vasta literatura por cumprir, pois quem não está escrevendo ou dizendo algo hoje sobre este fim/começo de século, ou se declarando aturdido? É quase uma necessidade existencial, um exorcismo no verbo.

Um século que termina com um gosto amargo de fim de festa, da desconstrução da utopia, de inseguranças face a múltiplas violências, de falta de referentes históricos. Século que deixa a sensação de "presente eterno" face a velocidade das mudanças, período de apelo ao consumo, da importância da tecnologia e de impotência.

Segundo Hobsbawm (in Waack, 1995), os pós 60 seriam, a "década das crises", na "era das ilusões perdidas". Mas Hobsbawm não poupa morto em velório, como em sua crítica a ex URSS, por exemplo, nem renuncia ao marxismo, aos (des)-encaixes da história em sua análise.

"A história - entre outras e mais importantes coisas - é o arquivo dos crimes e tolices da humanidade. Não colabora para profecias...

Mas esperanças e medos não são predições...

Vivemos em um mundo capturado, transformado e revirado pela técnica economia e processo técnico-científico do capitalismo. Sabemos ou pelo menos é razoável supor que isso não pode ir como está ad infinitum. O futuro não pode ser uma continuação do passado, e há signos, tanto externa como internamente que alcançamos um ponto de crise histórica. (Hobsbawm, 1994, p.585 - final de livro sobre a história do mundo entre 1914-1991." (Original em inglês.)

Todos os autores consultados concordam com o diagnóstico de que o capitalismo vai muito bem e a humanidade muito mal, (a maior parte dela) e que as possibilidades de que ambos mantenham seu atual estado são incertas. A saúde do capitalismo pode ser afetada tanto por ameaças de externalidades, pelas questões ambientais, como por "implosão", ou pelo aumento das desigualdades sociais e nacionais. Todos alertam que alternativas de controle da economia transnacional são necessários, e muitos como Heilbroner (1994) e Hobsbawm (1994), consideram que é precipitado jogar fora o Estado face a tendência des-humana do livre mercado. Difere-se na eleição das agências na defesa de princípios da Razão ou da contra-razão, como justiça social e democracia. Para alguns seriam agentes alternativos, na construção de novos cenários, os movimentos sociais (Touraine, 1994 e Laclau, 1994, entre outros); para outros ainda a classe, representada nos grandes partidos e nas organizações de massa, como os sindicatos (Hobsbawm, 1994, e Antunes, 1995, por exemplo). Mas ninguém recomenda que se deixe tudo como está, inclusive por que nada mais está como se pensava que estivesse.

A busca de identidades, quer particularizadas por constituintes específicos, mas não necessariamente naturalizadas ou essencializadas, segundo a categorização do constituinte, quer qualificada (identidades não narcísicas, éticas, para Freire Costa (1994), não obsessivas, para Touraine (1994), coletivas e políticas para Aronowitz (1994), está subjacente em muitos textos que insistem em investir na equação Razão, ou razões e, lembrando as múltiplas referências do texto do Sub-Comandante Marcos, o Sujeito, ou sujeitos.

Nunca se alcançou tanto em conquistas da Razão, da ciência e da tecnologia, e nunca se foi tão ameaçado pelo irracional, por sectarismos religiosos, violências, e por poderes voláteis, transnacionais-legais, como as grandes corporações, e 'ilegais', como os cartéis do tráfico de drogas.

Mas, por outro lado, este é um século que também termina com gosto de perda de arrogância, de saltos, da descoberta da imagem, de textos múltiplos, de gosto de desafio, de insurgência contra dogmas, de negação das serializações, homogeneizações, verdades auto sustentadas.

Século que se avizinha sob o risco de aumento de intolerâncias, mas também de reconhecimento da multiplicidade, da pluralidade de sujeitos. Um fim de século que se não autoriza previsões e profecias (Hobsbawm, 1994), objetivamente, no plano da ordenação da economia, ainda que sinalize para exclusões e concentração de poder - poder volátil, controles sutis, jogos de cooptação. Entretanto, na historicidade, a sugestão da multiplicação de sítios de negação, a percepção, interação com o outro, a outra, a necessidade de recusa da indiferença, do alheamento, de perspicácia para os problemas auto-gerados do capitalismo, a exemplo da violência, da corrupção, das competências, de outros tantos ao nível do funcionamento da economia e na "sensação generalizada de inquietação com respeito a base moral do capitalismo" (Heilbroner, 1994), em que o re-olhar ético/cultural se impõem na busca de pistas por outros cenários. Cenários que, no plano das possibilidades, hoje, como ontem, estarão na dependência de práticas político-culturais, de rebeliões e "des-serializações" em histórias re-inventadas por sujeitos de classes no fazer-se.²

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo.
1995 ***Adeus ao trabalho?*** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo; Cortez.
- ARONOWITZ, Staley.
1992 ***The politics of identity***. class, culture, social movements. New York: Routledge
- BOBBIO, Noberto.
1995 ***Direita e esquerda***: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP.
- CASTRO, Mary Garcia.
1995 ***A divisão sexual de poder***, gênero e sindicalismo no Brasil (a ser publicado na Revista de Estudos Feministas, CIEC/ECO/UFRJ. Rio de Janeiro).
- CASTRO, Mary Garcia.
1993 A alquimia das categorias sociais na produção de sujeitos políticos: raça, gênero e geração entre líderes sindicalistas do serviço doméstico na Bahia. ***Revista de Estudos Feministas***, Rio de Janeiro.
- CASTRO, Mary Garcia.
1994 E nós, latinoamericanos, que temos a ver com isso? reflexões sobre a modernidade e a pós modernidade (Aportes Sociológicos) ***Revista da FACED*** Salvador, out. (Edição Comemorativa dos 25 anos da Faculdade de Educação - UFBA).
- FOX-GENOVESE, Elizabeth.
1991 ***Feminism without illusions*** a critique of individualism Chapei Hill. The University of north Carolina Press.

Entre outros autores que sustentam a idéia do falar desde uma identidade, transcendendo sua especificidade, cito, considerando raça, West (1994) e gênero Fox-Genovese (1991).

Cad. CRH., Salvador, n.22. p 31-50. jan/jun.1995

- FREIRE COSTA, Jurandir.
1994 ***A ética e o espelho da cultura***. Rio de Janeiro: Rocco.
- GIDDENS, Anthony.
1990 ***As consequências da modernidade***. São Paulo: UNESP.
- GUATTARI, Felix.
1990 ***As três ecologias***. São Paulo: Papyrus.
- JAMESON, Frederic.
1992 ***Postmodernism, or, the cultural loglc of late capitalism*** Durnam: Duke University Press.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota.
1992 ***Metodologias qualitativas na sociologia***. Petrópolis: Vozes.
- HALL, Staurt, JACQUES, Martins (eds).
1990 ***New times. The changing face of politics In the 1990s***. Londres: Verso e Marxismo today.
- HEILBRONER, Robert.
1993 ***O capitalismo do século XXI***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HOBSBAWM, Eric.
1994 ***The age of extremes: a history of the world, 1914-1991***. New York: Pantheon Books.
- LACLAU, Ernesto (ed.)
1994 ***The making of political identities***. Londres: Verso
- LUZ, Marco Aurélio.
1993 ***Do tronco ao opá exin: memória e dinâmica da tradição africana-brasileira***. Salvador: SECNEB.
- ORTIZ, Renato.
1994 ***Mundialização e cultura***. São Paulo; Brasiliense.
- SOUZA SANTOS, Boaventura.
1995 ***Toward a new common sense: law, science and politcs in the paradigmatic transition*** (a ser publicado pela New York: Routlege).
- SUBCOMANDANTE MARCOS.
1995 A flor prometida. ***Folha de São Paulo***, 02 de abr. p. 1 -22.
- TOURRAINE, Alain.
1994 ***Crítica da modernidade***. Petrópolis. Vozes.
- WAACK, William.
1995 Entrevista: Eric Hobsbawm, século dos extremos. ***Veja***, 05 abr.
- WEST, Cornei.
1994 ***Questão de raça***. São Paulo: Cia das Letras.